

# rado

da Abolição da Escravatura no País, em 1888”, romanceia.

“Tenho como objetivo ainda fazer um longa sobre a minha primeira ficção, *A Cor da Esperança*, de 2019”, revela Renato. “É muito baseada em fatos reais, pois narra a história do negro em Porto Alegre, algo que acho muito importante contar”, conclui. O pai de Bernardo, de 17 anos, e de Renata, 32, ambos de casamentos distintos, vê nos filhos um pouco do seu reflexo. O caçula já toca guitarra e demonstra aptidão com a música, realizando aquilo que nunca conseguiu. Já a mais velha, esta sim, enveredou para a mesma profissão: o Jornalismo. Porém, entende que hoje são outros tempos.

“Quando estudei na Pucrs, nos anos 1980, nós negros éramos apenas 2% dos estudantes, o que se manteve por ainda bastante tempo até governos de esquerda passarem



Renato Dornelles, para os jovens: “o caminho é árduo, mas é possível”

a adotar as importantes políticas públicas de inclusão, como as cotas em universidades”, considera. “Ainda hoje, no Rio Grande do Sul, somos uma minoria entre os cineastas e precisamos seguir lutando contra isso”, acrescenta.

Aos mais jovens, acredita

que seu exemplo serve de espelho. “É importante a minha participação e de outros realizadores negros para ajudar na autoestima desses jovens de maneira que eles saibam que o caminho é árduo, mas que é possível, sim, fazer cinema”, avalia Renato.

## O cárcere e a tela

Em 2008, o Presídio Central de Porto Alegre foi considerado o pior do País pela CPI do Sistema Carcerário e alvo de denúncias de violações dos Direitos Humanos feitas à Organização dos Estados Americanos (OEA). Renato Dornelles, a esta altura, já uma referência sobre o tema da segurança e do sistema prisional no Rio Grande do Sul, e Tatiana Sager, que havia rodado com roteiro de Renato e codireção de Zeca Brito o curta *O Poder entre as Grades*, em 2014, decidiram juntar experiências e conhecimentos e encarar um desafiador projeto de longa-metragem documental para retratar a degradante situa-

ção penitenciária.

Inspirado no livro *Falange Gaúcha, Central - O Poder Das Facções no Maior Presídio do Brasil* apresenta, através de depoimentos de apenados, policiais militares e visitantes, além de análises de autoridades, o cotidiano e a dura situação do presídio. Codirigido por Renato e Tatiana e roteirizado pelos dois com Luca Alverdi, *Central* exigiu, para poder ser rodado, muita diplomacia e negociação - tanto com o poder público quanto com o paralelo. “Tivemos reuniões com várias autoridades e com os próprios líderes de facções, que foram os mais difíceis de convencer a nos autori-

zar a filmar”, recorda Renato.

Por fim, deu certo. “Conseguimos colocar câmera nas mãos dos presos dentro das galerias das facções, onde ninguém entra. São cerca de 11 galerias, com quase 400 presos em cada uma, controladas pelos líderes de facções”, relata Tatiana. Lançado em 2017, *Central* ficou 10 semanas seguidas em cartaz em capitais brasileiras e teve mais de 16 mil espectadores, um sucesso surpreendente para um documentário, ainda mais produzido fora do centro do País. O filme recebeu prêmios nacionais, como MJDH, e internacionais, em Portugal e na Espanha.

Decorrência do trabalho que já vinha realizando com Tatiana, *Olha pra Elas*, de 2019, por sua vez, mergulha na realidade dos presídios femininos. Roteirizado por Renato e dirigido por Tatiana, o filme, igualmente premiado, traz histórias reais de mulheres transformadas quando a prisão se tornou parte de suas vidas.

“O Renato é um parceiro que qualquer pessoa gostaria de encontrar na vida. De uma fidelidade, integridade e parceria que jamais encontraria em qualquer outra pessoa no mundo. Está sempre ali, ao meu lado, apoiando todos os projetos mirabolantes, dando a paz e o equilíbrio para tudo”, confidencia Tatiana.



Renato assina parte da produção de documentários premiados no Brasil e exterior

## Sabedoria de bamba

Muito antes de se envolver com Jornalismo ou cinema, Renato Dornelles sabia-se um folião. Bambista de coração, não deixa, no entanto, de apreciar aquilo que as outras escolas de samba também fazem. Em 1987, aceitou o convite do jornalista e grande entusiasta da cultura negra no Rio Grande do Sul Carlos Alberto Barcellos, o Roxo (1941-1989), para cobrir Carnaval em Zero Hora. Anos adiante, em 1993, outro convite, desta vez de Cláudio Britto, para participar das transmissões carnavalescas da Rádio Gaúcha. “Havia as muambas comunitárias que as escolas promoviam e eu ia para os bairros e dava os boletins ao vivo pelo orelhão”, recorda.

“Renato contribui para as coberturas carnavalescas com um jornalismo eclético, pesquisador e autêntico de alguém que honra a própria origem e raça, que ama o Carnaval e conhece todas as manifestações das escolas, tribos e cordões”, exalta Britto, que soma com o colega 31 transmissões da Festa do Momo.

A coluna *Chora Cavaco*, que Renato assinou por 19 anos em *Diário Gaúcho*, é outra contribuição incontestante para a cultura do samba na imprensa gaúcha. O nome, bordão do cantor Neguinho da Beija-Flor, se deu noutra casualidade de sua vida. Ele precisava achar um título para o espaço, mas nada surgia.

Até que as divindades providenciaram. “Num dia, quando precisava informar ao editor o nome, minha amiga Célia dos Santos chegou na redação do jornal com Neguinho, para me apresentar a ele, e me veio a ideia: ‘Chora Cavaco’”, conta Renato. “Na hora, ele me autorizou e ficamos amigos desde então.”

Tamanha ligação com o samba e o Carnaval lhe renderam homenagens. Ou melhor, a maior honraria que um brasileiro pode receber: um samba-enredo. Em 2024, a escola Tradição Alada, de Alvorada, levou para a avenida o tema *A Esperança Liberta a Mente e a Alma*. Renato Dornelles, o *Emisário da Justiça*, em que abordou aspectos de sua biografia como o Jornalismo, o cinema e a religião.

Seja numa redação de jornal, num set de filmagem, na escrita solitária frente ao computador ou numa quadra de escola de samba, a inteligência e o compromisso com a verdade são infalivelmente presentes em tudo que Renato Dornelles produz. Estão sempre com ele, assim como os seus orixás Xangô e Oxum, mestres da sabedoria. Como dizem os versos do samba-enredo em sua homenagem: “Pra dar voz às minorias / com grande sabedoria / protegido e iluminado por divindades ancestrais”.

ARQUIVO PESSOAL RENATO DORNELLES/REPRODUÇÃO/JC



Ao lado de Neguinho da Beija-Flor, que inspirou nome de coluna famosa

**Daniel Rodrigues** é jornalista, escritor, radialista e crítico de cinema. Atual presidente da Accirs, tem duas obras lançadas (*Anarquia na Passarela: a influência do movimento punk nas coleções de moda* e *Chapa Quente*), além de participação em antologias de contos e no livro *50 Olharews da Crítica Sobre o Cinema Gaúcho*, editado pela Accirs.